

Silva Araújo

Álbum

Braga, 2014

Índice

- 001 Apresentação
- 002 Amor de mãe
- 003 A uma mãe
- 004 Dorme
- 005 Aos Pais da Beatriz
- 006 Quem me fala do Samuel
- 007 Quero ver o Samuel
- 008 Já vi o Samuel
- 009 Os meus biblots
- 010 Casa da Vinha
- 011 Janica
- 012 Agradecendo um soneto
- 013 Ainda há rouxinóis
- 014 Sebastião
- 015 Num álbum
- 016 Convívios nos Congregados
- 017 Na hora do adeus
- 018 Nas fitas da Laide
- 019 Nas fitas da Rita
- 020 Para as fitas da Rosa
- 021 Nuns livros de curso
- 022 Num quadro de honra
- 023 João Alberto
- 024 Mais um ano
- 025 Num dia de anos

- 026 Dezoito anos
- 027 Parabéns
- 028 Presença
- 029 A minha presença
- 030 Cláudia Rosa
- 031 A minha prece
- 032 A um par de noivos
- 033 Num álbum de casamento
- 034 Ao Casal Bernardo
- 035 Meditação
- 036 Missa nova e bodas de prata
- 037 Oração
- 038 Padre
- 039 Lar Conde de Agrolongo
- 040 Saudação e despedida
- 041 Sede bem-vindo
- 042 Pastor dos pastores
- 043 A voz do Papa
- 044 Vicente de Paulo
- 045 Beatriz Faria
- 046 Retrato
- 047 Partiu
- 048 Dr. Adão
- 049 É difícil não chorar
- 050 No dia dos doentes
- 051 Na morte de Correia de Oliveira
- 052 Canção para Rosalia

053 Cantigas à minha terra

054 Barcelos

055 Viana do Castelo

056 Monção

057 Seminarista

058 Domus Mater

059 Vai, caminheiro

060 Ser Escuteiro

061 Despedida

062 Oração da Mãe

063 Prece

001 Apresentação

Rotulei de *Álbum* este volume, que só ofereço a um grupo muito restrito de pessoas.

Uma vez que decidi publicar a maior parte dos versos que fui escrevendo ao longo da vida, agrupando-os mais ou menos por temas, reúno aqui um conjunto de recordações. Recordações de momentos da vida (a maior parte muito agradáveis, alguns não) e de pessoas que me foram, e são, muito queridas.

É evidente que as pessoas que mais me marcaram e a quem mais devo foram os meus Pais. Não os evoco neste volume porque lhes dediquei integralmente o livro *Raízes*, publicado em 1994 e reeditado e ampliado em 2015.

Também aqui teriam lugar versos escritos por ocasião do falecimento de três amigos: Manuel Gonçalves da Lomba, José Maria da Rocha Pereira e Manuel Pimenta de Azevedo. Aqueles dois, sacerdotes; este, leigo ex-seminarista. Porque faleceram durante a Guerra do Ultramar, para que foram mobilizados, incluí a sua evocação no volume *Da Guerra e da Paz*, publicado em 2009.

Alguns dos versos que aqui reúno foram dedicados a pessoas muito concretas, pelos mais diversos motivos. De algumas, recordo os nomes; outras, esqueci-me de as registar no meu livro de notas, do que hoje me penitencio.

Escrevi um número razoável de versos para livros de curso. Uns, por minha iniciativa; outros, a pedido de familiares ou amigos de estudantes finalistas, em cuja pele me coloquei.

Para os que recordo e se encontram já do outro lado da vida, o voto de que partilhem da felicidade com Deus. Para quantos se encontram do lado de cá – e Deus queira que por muitos anos – a renovada manifestação da minha grande amizade.

Braga, agosto de 2022.

Silva Araújo

002 Amor de Mãe

Amor são poucas letras cheias de doçura,
Do afeto e do carinho mensageiras.
Contêm o aroma duma rosa pura,
A existir no mundo as primeiras.

Encerram a meiguice de um sorriso,
A beleza da camélia delicada.
São o que faz da terra um paraíso
Onde se é rico, mesmo sem ter nada.

Dum afago encerram a ternura.
A beleza duma face divinal.
Mais que os lírios têm a doçura,
Têm o calor dum afeto angelical.

Ah! Só o amor dos Anjos e de Deus
Iguala o afeto de mãe, amor também.
Não há na terra, não, só há nos céus
Amor que se compare ao amor de mãe.

Gondar, 11 de agosto de 1954.

003 A uma mãe

Ó Senhora do menino,
Ó do menino Senhora,
Vele pelo seu destino
Noite e dia, a toda a hora.

Tenha-o sempre presente
No colo ou no pensamento.
Ajude-o a seguir em frente,
Haja sol ou faça vento.

Vá-lhe dizendo que a vida
É um bem que Deus nos deu;
Uma luta que, vencida,
Nos abre as portas do Céu.

Que ele saiba que com Cristo
Não há mal que lhe resista
E se lembre que é o bem
Que deve ter sempre em vista.

Veja o Menino Jesus
Nesse bebé que nem chora.
Seja a Senhora da Luz
Para o seu filho, Senhora.

Sameiro, junho de 1991.

004 Dorme*

Dorme, dorme sem receio,
Seja noite ou seja dia.
Dorme, dorme, meu anjinho,
Pois outro Anjo vigia.

Às vezes pões a boquinha
Em constante movimento,
E o Anjo lá vigia
Ao pé do teu aposento.

Às vezes, quando a dormir,
Até sorris de alegria!
Por certo brincas, sonhando
Com o Anjo que vigia.

Ri. Sonha com os anjinhos,
Em celeste companhia.
Dorme à vontade, menina,
Pois o teu Anjo vigia.

Gondar, 20 de julho de 1955.

** Para a minha afilhada Ana Armanda da Silva Dias Canário.*

005 Aos Pais da Beatriz*

Pai e Mãe dessa Menina
Que se chama Beatriz,
Levai-a a cumprir a sina
De ser e tornar feliz.

Sede felizes, também,
Vivendo a cada momento
O que jurastes, por bem,
No dia do casamento.

Ensinai a Beatriz
A saber, no seu viver,
Ajudar a ser feliz
Quem na vida lhe aparecer.

Vosso Lar, enriquecido
Com essa rara Beldade,
Seja um testemunho vivo
De amor e felicidade.

Felicidade, que é
Saber dar, mas com amor.
A quem descrer, levar fê;
Ao frio, levar calor.

Que a sorte vos favoreça.
Que sejais todos felizes.
Que, em quem vos apareça,
Saibais fazer Beatrizes.

Nas Termas de S. Pedro do Sul, em 22 de julho de 2010.

**Aos meus sobrinhos Cláudia e Celso.*

Beatrix vem de Beatus, O sufixo trix (masculino, tor) tem sentido activo, operativo.

Beatrix não significa apenas «feliz», mas aquela que gera, comunica, traz, produz a felicidade.

006 Quem me fala do Samuel?*

Dou alvíssaras a quem
Me souber do paradeiro
Desse menino a quem
Dedico amor verdadeiro.

A uma Avó desolada
Por não ver o seu netinho,
Dizei que o Anjo da Guarda
Anda a limpar-lhe o caminho.

Dizei que nada lhe falta,
A quem quer muito feliz;
Que tem amigos à farta
Esse saudoso petiz.

Dizei que já vai à escola
Onde um bom mestre o ensina,
E que vai à catequese
Para aprender a doutrina.

Dizei que um dia, não longe,
O correio vai trazer
Cartinha do Samuel,
Que já lhe sabe escrever.

Dizei também que virá,
Com seus levezinhos passos,
E à vovó Lurdes dará
Umas centenas de abraços.

Dizei isto e muito mais,
Em voz doce como o mel,
A quem passa a vida aos ais
Pelo neto Samuel.

Mensageiros que correis
Ruas fora, em tropel,
Vinde por bem, se trazeis
Notícias do Samuel.

Vento que cortas os ares
E lanças tudo a granel,
Bendito sejas, se achares
Novas do meu Samuel.

Braga, 24 de outubro de 2001.

**Este e os dois poemas seguintes escrevi-os para a minha prima Lurdes*

006 Quem me fala do Samuel?*

Dou alvíssaras a quem
Me souber do paradeiro
Desse menino a quem
Dedico amor verdadeiro.

A uma Avó desolada
Por não ver o seu netinho,
Dizei que o Anjo da Guarda
Anda a limpar-lhe o caminho.

Dizei que nada lhe falta,
A quem quer muito feliz;
Que tem amigos à farta
Esse saudoso petiz.

Dizei que já vai à escola
Onde um bom mestre o ensina,
E que vai à catequese
Para aprender a doutrina.

Dizei que um dia, não longe,
O correio vai trazer
Cartinha do Samuel,
Que já lhe sabe escrever.

Dizei também que virá,
Com seus levezinhos passos,
E à vovó Lurdes dará
Umas centenas de abraços.

Dizei isto e muito mais,
Em voz doce como o mel,
A quem passa a vida aos ais
Pelo neto Samuel.

Mensageiros que correis
Ruas fora, em tropel,
Vinde por bem, se trazeis
Notícias do Samuel.

Vento que cortas os ares
E lanças tudo a granel,
Bendito sejas, se achares
Novas do meu Samuel.

Braga, 24 de outubro de 2001.

**Este e os dois poemas seguintes escrevi-os para a minha prima Lurdes*

007 Quero ver o Samuel

Ajudai-me a situar
O meu neto Samuel
Para lhe poder mandar
Beijos doces como mel.

Para lhe poder dizer
O muito que lhe quer bem
E o deseja rever
A Vovó de Pevidém

Que, neste seu dia de anos,
-- De alegria e de tristeza --
Suspira por o poder
Ver sentado à sua mesa.

Mandando-lhe, nestes versos,
A sua muita saudade,
Deseja-lhe, para sempre,
A maior felicidade.

Gondar, 18 de agosto de 2002.

008 Já vi o Samuel

Trazia a alma de luto.
Tudo me sabia a fel.
Deixei de ver esse vulto
Do meu neto Samuel.

Mas tudo um dia mudou.
Das trevas surgiu a luz.
O Samuel regressou
Trazido por Ti, Jesus.

Foram uns breves momentos.
Foi um encontro fugaz.
Mas fugiram os tormentos
E a mim voltou a paz.

Gostei de o ver. Tão lindo!
Tão contente! Tão amigo!
Que pena não ser possível
Trazê-lo sempre comigo!

Obrigado, meu Senhor,
Por esta doce visita.
E que este gesto de amor
Muitas vezes se repita.

Braga, 13 de setembro de 2002.

009 Os meus «biblots»

Os adornos que tenho no meu quarto
São fotos de sobrinhos, pais e irmãs,
Que, à tristeza da noite nos meus dias,
Trazem sempre o alvor de ideais manhãs.

Gosto de os ver, aqui e além dispersos,
Entre os livros, nas mesas, na parede,
Sobre a mesa de estudo, a ler-me os versos
E a afagar a cruz da minha sede.

Quero-lhes muito. Todas as noitinhas
Lanço um olhar ao seu olhar de amor
E chovem sobre mim as ladainhas
Do melhor som, da mais ideal cor.

Quero-lhes bem. Irão sempre comigo
Estes inseparáveis companheiros,
E sobre a pedra morta do jazigo
Onde eu 'stiver, farão sorrir canteiros.

Braga, março de 1967.

010 Casa da Vinha*

Ó casa já velhinha e tapetada
De heras através dos grandes muros,
Sob a tua imponência apalaçada
Os Batistas e Bourbons estão seguros.

Não te fiques jazendo orgulhada
Dos passados gloriosos e assaz duros.
Das tuas heras a verdura esmaiada
É forte esperança de louros futuros.

Ó casa, quis cantar-te dignamente.
A lira, débil, achou-se impotente
E eu, não sabendo o que fazer devia,

Ajoelhei, então, devotamente.
A Deus pedi por toda a tua gente.
Pelos que foram, rezei Ave Maria.

Gondar, 1 de setembro de 1955.

**Versos inspirados num soneto de Bernardo de Vasconcelos,
dedicados aos meus amigos da Casa da Vinha.*

011 Janica*

Mote:

*É Menina ou é Estrela
Caída dos altos Céus?*

Janica tem tanta graça,
Tanta beleza e candura
Que, toda a gente que passa,
E nela os olhos inclina
Suavemente murmura
Esta pergunta, com graça:
Será Estrela ou Menina?

Seus olhos vivos, brilhantes,
Seu riso largo e desperto
Recordam aos caminhantes
Que acertam de olhar para ela
Delícias de céu aberto
E ficam como hesitantes,
Sem saber se é uma Estrela!

Já eu me prendera dela
Horas e horas a fio,
Como se prende à capela
Um monge cheio de Deus,
E sustento, em desafio,
*Que é Menina e que é Estrela
Caída dos altos Céus.*

Gondar, 9 de fevereiro de 1965.

**Para a Joana Sequeira Braga Magalhães*

012 Agradecendo um soneto*

Amigo, logo que teus versos li
Fiquei perplexo, quase extasiado.
Jamais julgara existir em ti
Esse estro que me fora revelado.

Nunca imaginei e só agora vi
Que tens do nosso Camões sublimado
A arte sublime. Já que ela é em ti
Não a deixes sair. Toma cuidado.

Continua este trabalho delicado.
Coloca nele todo o teu cuidado
E verás como podes ir avante.

Nesse teu verbo todo inflamado
De poeta genuíno, inspirado,
Acharão os vindouros novo Dante.

Braga, 4 de dezembro de 1954.

**Ao Gonçalo Manuel Sequeira Braga.*

013 Ainda há rouxinóis*

«Ainda há rouxinóis...», diz o Poeta,
E existem de tal envergadura
Que se tornam faróis na noite escura
E fecundam a terra mais deserta.

«Ainda há rouxinóis...», e como cantam!
É ler os versos brandos como arminho
Que difundem o amor e o carinho
Nas almas que em sua roda se levantam!

«Ainda há rouxinóis...», e praza a Deus
Que a sua voz sonora, harmoniosa,
Não emudeça mais, antes, qual rosa,
Encha de suave aroma os sonhos meus.

Não há de emudecer, tenho a certeza.
Alheios aos fatores mais diversos
Hão de ficar, Poeta, os teus versos,
Qual mensagem perene de beleza!

Gondar, 12 de abril de 1960.

* *A Jerónimo de Almeida, agradecendo a oferta do livro «Ainda há rouxinóis...».*

014 Sebastião*

Depois de teres vivido
Esse silêncio forçado,
Aprende, caro Tião,
A saber estar calado.

Morreira, 27 de junho de 1987.

**Para o P. Sebastião da Mota Lopes, depois de ter sido submetido a uma operação à garganta. Deixou-nos em 11 de abril de 1995.*

015 Num álbum*

Miguel:

Fotografa sempre o bem
Que esta vida te mostrar,
Pois o mal que o mundo tem
Não vale a pena lembrar.

Que os teus álbuns só recordem
-- Da Vida, da Natureza --
Os valores que não morrem,
A verdadeira Beleza.

Braga, 20 de setembro de 2000.

* *Para um álbum de fotografias do Dr. Miguel Louro.*

016 Convívios nos Congregados

Convívio/99

Nós somos dos Congregados,
uma igreja em construção
onde há cristãos aprumados
com um grande coração.

O que queremos é isto
- e não é pouco na vida - :
imitarmos Jesus Cristo
e Sua Mãe muito qu'rida.

Por isso só procuramos,
com todo o coração,
ser alegres e viver
em amor e união.

Dizemos não à intriga,
a toda a maledicência.
Fazemos tudo o que diga
só a nossa consciência.

O que temos a dizer
dizemo-lo, sem desdém,
a quem o deve saber
e nunca a mais ninguém.

Nos Congregados queremos
ser uma comunidade
onde caibam as pessoas
de toda e qualquer idade.

Sendo iguais e dif'rentes,
a todos damos as mãos.
Ouvimo-nos uns aos outros
e vivemos como irmãos.

Não q'remos julgar ninguém
nem ir à cata de argueiros.
No respeito pelos outros
seremos sempre os primeiros.

Com muita simplicidade
servimos a tempo inteiro
e nenhum quer ser tratado
como vidrinho de cheiro.

Convívio dos Congregados 2

Fugimos da beatice
e da cabeça torcida.
Rezamos sem meladice.
Pomos sal e cor na vida.

O nosso desejo é
- sapei-o, amigos meus –
com os homens, 'star de pé,
e ajoelhar só a Deus.

Q'remos, com muita alegria,
fazer paz e amizade,
ser cristãos no dia-a-dia,
semear felicidade.

De olhos nos olhos iremos,
com amor e lealdade,
construir a nossa Igreja
feita de fraternidade.

Braga, 27 de junho de 1999.

Nesta igreja congregados
Em fraterna comunhão,
Lembremos os deserdados
Com fome de amor, de pão.

E que a Senhora das Dores
- Mãe de tanto valimento! –
Venha limpar os suores
De quem vive em sofrimento.

Braga, 7 de Abril de 2006.

Senhora dos Congregados,
Nossa Senhora das Dores:
Faz de nós irmãos bem dados;
Do Teu jardim, uns amores.

Braga, 2 de Setembro de 2000.

Convívio dos Congregados 3

*
* *

Bebemos do mesmo vinho.
Comemos do mesmo pão.
Prossigamos o caminho
De mão dada c'o irmão.

Braga, 1 de abril de 2004.

017 Na hora do adeus*

Gama, Amigo nosso, que partiste,
Mas continuas nosso Companheiro,
Recorda lá tudo o que por cá viste,
Do Sobral ao Restaurante do Sameiro.

À tentação de trabalhar resistes,
Que o trabalho nunca foi bom conselheiro.
Mas, se um *parcídio* em ser mandão insiste,
Então não deixes tinta no tinteiro.

Que o branco ou tinto, como aqui fazias,
Te curem da tristeza e dos maus dias
Quando rugir o uivo da procela.

Mas sabe escolher bem. Sê dos prudentes.
Não manches a pureza dos teus dentes
Com uma colher só de cabidela.

Braga, 3 de julho de 1978.

* *Versos escritos quando o Jornalista Gama Rodrigues deixou Braga para ir trabalhar em Lisboa.*

018 Nas fitas da Laide*

Laidinha, que irás, na vida,
Tão alegre, fazer tu?
-- Mostrar, a quem o não sabe,
Que o o às vezes vale u.

Nesta fita que te dou
Um desejo escrever quis:
Que Deus, pela vida fora,
Te faça muito feliz.

Na vida há horas de tudo,
Há pequenez e grandeza.
Tira força, na alegria,
Para sofrer a tristeza.

Vais ensinar muitas contas,
Cada qual com seus sinais.
Na conta do fazer bem
Usa sempre o sinal +

Quando fores dar lição
De Português ou de História,
Põe nas mãos o coração
E esconde a palmatória.

Senhora mestra de escola,
Diga-me, se faz favor:
Não haverá um aluno
A quem dá lições de amor?

Ai flores, ai flores do verde prado...

Desconfia das palavras
Do moço que diz e jura
Que há-de ser teu hora a hora,
Teu até na sepultura.

Nas fitas da Laide 2

Há-os p'raí que alimentam
Uma esperança sedutora:
A de comer todo o pré
Duma nova professora.

Mas se vires um jeitoso...

Seja boa professora,
Menina que hoje se vai.
Se o não for, os alunos
Irão acusá-la ao pai.

Professorinha da moda,
Veja o que vai ensinar.
Há contas de dividir
Melhores que as de somar!

Braga, 17 de maio de 1965.

**Para a minha irmã, Adelaide Josefa da Silva Araújo, na
conclusão do seu curso.*

019 Nas fitas da Rita*

Já te vejo, Rita querida,
a receitar, mão segura,
doses de amor e ternura
que dão luz e cor à vida.

E enquanto por cá andar
este Tio que te «adora»,
não o deixes vegetar
mas viver a cem à hora.

Braga, 1 de maio de 2008.

**Para a minha sobrinha-neta, Rita Patrícia Faria Canário*

Para as fitas da Rosa 1

020 Para as fitas da Rosa*

Venham todos, meus senhores,
Celebrar a funçanata
Que fez da Rosa doutora
Nos bancos da Papanata.

Nestas fitas que escrevia
Se tivesse habilidade?
-- Que a vida te seja um dia
Cheia de felicidade.

Santa Luzia te leve
Mas sempre de olhos abertos.
Há na vida muitos males
Mas às vezes encobertos.

Já vejo, Rosa, os meninos
Pedir a Nossa Senhora
Que lhes faça as mãos de pau
Ou... converta a professora.

Não sejas má, que isso é feio!

Hás de ouvir os teus alunos,
Rosinha, dizer um dia:
Senhora, nós queremos bolos,
Mas dos da... pastelaria!

Escuta agora um pedido
Cheio de esperança e de ... fé:
Lembra-te de mim, Rosinha,
Ao vir o primeiro pré.

Que seco o porta-moedas!

E nada mais sei dizer
Porque a veia vai gelando
E, como vês, esta quadra
Já nem a pude rimar!

Braga, maio de 1964.

**Uma amiga da minha irmã Laide, Rosa Salgado Vaz, que faleceu tragicamente em Gamil, Barcelos, no dia de casamento.*

021 Nuns livros de curso*

Sê-me um bom advogado,
Sem ceder nunca à cobiça.
Que, contigo, ganhe o Bem
E vença sempre a Justiça.

Doutor de leis, sê das leis
Um valente defensor.
Que vença a lei da justiça
E nunca a lei do favor.

Jovem doutor, que alegria
Teus pais estão a gozar!
Escolhe a Deus para teu guia
E poderás triunfar.

Só três desejos, meu filho,
No teu livro escrever pude:
Sê feliz, sê bom rapaz,
E que Deus sempre te ajude.

Vais à vida. Deus te leve
Com Sua mão paternal.
Que te ajude a triunfar
E a fugir sempre do mal.

Aqui tens, filho, a lembrança
Que te deve ser querida:
Quem em Deus tem confiança
Vencerá sempre na vida.

*
* *

O Curso está no fim. Mais um bocado
E tu serás, enfim, senhor doutor.
A tua casa irão, de todo o lado,
A pedir um conselho, por favor.

E vejo-te sentado a dar consultas,
A resolver questões e mais questões,
A defender as leis sábias e justas,
A dar a paz a muitos corações.

Ao lado, a pasta, c'ò as fitas garridas,
Há-de lembrar-te sempre as dores sofridas
Num curso que fizeste com primor.

Hás-de gravar, também, nessa memória
Que os louros do triunfo e da vitória
Têm do sangue a mesma rubra cor.

Braga, fevereiro de 1961.

*
* *

Dizem que o mundo anda torto
e que exige um grande jeito.
Serás tu quem lho vai dar,
finalista de Direito?

Fizeste linda carreira
num curso com distinção.
Serás tu, ó linda Clara,
quem põe termo à escuridão?

Ou será que eu ando cego
a pensar só em abrolhos
e não sei a quem dá luz
a beleza dos teus olhos?

Nestes versos que te faço
por prazer, sem qualquer paga,
peço à Clara do Mondego
que ajude a Clara de Braga.

E protegida, Maria,
pela Santa do Mondego,
que faças boa carreira
com paz, amor e sossego.

Braga, 28 de abril de 1994.

*
* *

Do Cristóvão que direi,
desde que lhe sigo a pista?
Que é estudante brioso
e atento jornalista.

Que, se fosse sua a lei,
toda a gente era portista
e que a cor azul do rei
tivesse foros de conquista.

Daqui lhe desejarei
que seja bom humanista
e de ensinar o *res rei*
nem por segundos desista.

E se da Madeira hei-
-de ver quem lhe não resista,
também um dia verei
o fruto dessa entrevista.

E aqui o deixarei
Sem nunca o perder de vista,
pois espero que o terei
sempre, sempre jornalista.

Braga, 28 de abril de 1991.

(Para o livro de Curso de António Cristóvão Pereira, finalista do Curso de Humanidades da Faculdade de Filosofia de Braga e meu companheiro de trabalho no «Diário do Minho»).

*
* *

Fazer versos nesta idade
não é pequeno sarilho.
Só se escrevem – é verdade! –
pelo muito amor a um filho.

Quem a ti se vem doando
alta noite ou madrugada
também poderá, rimando,
'screver esta versalhada.

Sabes bem, lindo Quinzinho,
como é o nosso amor,
e é com muito carinho
que te queremos doutor.

Que te diremos agora,
quase ao cimo da subida?
- Que sejas, a toda a hora,
dos que defendem a vida.

Que a todos os que encontrares,
raras vezes ou amiúde,
alivies os pesares
e melhores a saúde.

Que a Medicina, para ti,
seja uma forma de dar
àquele que não sorri
uma canção de embalar

como a ti, quando menino,
afugentando maus ais,
te cantavam, sereninho,
estes teus queridos pais.

Braga, maio de 1984.

*

* *

O triunfo que procuras
E te dá felicidade
Não o conseguirás nunca
Sem ter força de vontade.

Não te seduza o triunfo
Nem te derrote a tristeza.
Quem sabe andar pela vida
Encontra sempre beleza.

Queres saber como havemos
De fazer isto melhor?
Semearmos à nossa volta
Alegria, paz, amor.

Sê chefe. Busca na vida
Porto a salvo e bom abrigo.
Mas não vás p'ra lá sozinho:
Arrasta os outros contigo.

No teu livro, com carinho,
Este voto escrever quis:
Que Deus te cubra de bênçãos
E te ajude a ser feliz.

Que o botão que hoje em ti vejo,
Muito alegre e sonhador,
Desabroche numa rosa
Cheia de perfume e cor.

Guarda o conselho que hoje ouves
A quem te ensina Moral:
Faz crescer na vida o bem
E diminuir o mal.

*
* *

Vê se consegues achar
No teu livro de receitas
A forma de eliminar
Deste mundo as maleitas.

Há uma em que muito cismo
E me tem preocupado:
A praga do egoísmo
Que traz o mundo 'stragado.

Pensa em ti, também, Leninha,
É essa a minha vontade;
Vê onde está a mezinha
Que te dá felicidade.

Braga, 20 de março de 1987.

*
* *

Findaste o curso. E eu sei
Quantas canseiras te deu.
Quanta dor que se fez lei!
Quanto espinho apareceu!

Mas tiveste confiança
E venceste a dura lida.
Ir à luta com esp'rança
É meia guerra vencida.

Não desanimes, agora
Que a vida se te abre nova.
Espalha luzes como a aurora,
Sê bela como uma trova.

Nuns livros de curso 7

Ajuda a abrir o botão
Da roseira promissora,
E os miúdos dirão:
- Ai que boa professora!

Braga, 3 de março de 1963.

**Versos que escrevi, a solicitação de pais ou outros familiares,
para inserir em livros ou fitas de fim de curso.*

022 Num quadro de honra*

Que o nome que alguém escreveu
Neste quadro, qual tesouro,
Seja impresso em letras de ouro
Não na terra, mas no céu.

Cuidado! Não te envaideças
Por te encontrares no rol.
Não vês a lua a brilhar
Com uma luz que é do sol?!

Braga, 2 de dezembro de 1960.

**Para os meus alunos do primeiro ano do Seminário de Nossa Senhora da Conceição.*

023 João Alberto*

João Alberto me chamo
Pela vontade dos meus
E como a irmãos vos amo,
Pois somos filhos de Deus.

Braga, 23 de Junho de 1993.

**Para o baptizado do meu sobrinho-neto João Alberto
Madureira da Silva Dias Canário*

024 Mais um ano

Mais um ano passou. E só Deus sabe
Quantos terás ainda por passar.
A vida pode ser um voo de ave,
Ou grande e larga como o largo mar.

Não importa o tamanho. Ele não cabe
Nas regiões do sonho e do luar.
Às vezes uma brisa, breve e suave,
Refresca mais que uns anos a ventar.

O que importa é viver em plenitude
Sem que o navio desta vida mude
O rumo que lhe foi por Deus traçado.

Mais vale a vida breve dum instante
Feliz, em paz, alegre, triunfante,
Do que uns anos vencido e desgraçado.

Braga, 10 de junho de 1962.

025 Num dia de anos

Na taça de oiro que é o teu viver
Caiu mais uma gota preciosa.
Quando será o tempo de a beber
E ter na frente o aroma de uma rosa?

Não sei. E não consigo entrever
Se é longe ou perto o fim que se antegoza.
Há contas que não sei nunca fazer
E versos que me saem dura prosa.

Mas seja quando for. Tudo está pronto
Para transpor o mágico Helospono
Que há-de levar-te ao Reino desejado.

Hás-de beber, depois, vitorioso,
A taça do licor puro e saudoso
Que nos anos da vida for's juntado.

Braga, 10 de junho de 1962.

026 Dezoito anos*

Fazer dezoito anos! Quem me dera
Voltar atrás para recomeçar!
Fazer da vida eterna primavera,
Dar novo som e cor ao meu cantar!

Fazer dezoito anos! Como era
A vida que vivi, sempre a sonhar
Num mundo onde a ilusão e a quimera
Foram deuses que pus no meu altar!

O tempo foi passando, e pude ver
Que o dia-a-dia deste meu viver
Nem sempre foi o canto que sonhei.

Mas gosto de me pôr a olhar p'ra trás
A reviver a mansidão e a paz
Que entre amigos, por vezes, encontrei.

Braga, 24 de dezembro de 1991.

**Nos dezoito anos da minha afilhada Cristina Maria Castro
Lopes*

027 Parabéns*

Não sabes quanto me custa
Não poder vencer o espaço
E, nessa roda de amigos,
Dar-te o meu sentido abraço.

Mas há coisas que se impõem
Ao nosso humano querer,
E sempre nos ensinaram
Que primeiro é o dever.

Usando, pois, deste meio,
Que tu sabes aceitar,
Com estas singelas quadras
Te venho felicitar.

Parabéns. Caminha em frente.
Sê Padre em todo o lugar.
Vai mostrar a toda a gente
Como é lindo o verbo Amar.

Braga, 13 de julho de 1986.

**Carta ao P. Serafim da Silva Ferreira, justificando a minha ausência na celebração das Bodas de Prata Sacerdotais.*

028 Presença

Também, em pensamento, estou presente,
Já que este corpo longe me retém
E não me deixa ir, como convém,
Dizer o muito que minha alma sente.

Mas há sempre uma forma, em toda a gente,
De vencer a distância, mundo além.
O pensamento nunca está ausente
Por mais longe que esteja o nosso bem.

E assim, em pensamento, eu acompanho,
Como ovelhinha mansa do rebanho,
Esse cortejo à igreja, a casa, ao lar.

E como vós, também, na minha igreja,
Eu peço ao Deus do Céu que vos proteja
E aos anjos que vos venham amparar.

Braga, 3 de julho de 1962.

029 A minha presença*

Se o corpo me retém cá noutra terra,
Entregue a meus cuidados e canseira,
Não conhece o pensar outra fronteira
Além do Amor e Paz que o Bem encerra.

E assim a minha ausência se descerra
Numa presença afável e fagueira.
Longe de vós, estou à vossa beira,
Pois não conhece a alma vale ou serra.

'Stou junto a vós. E a Deus, de mãos erguidas,
Em preces fervorosas e sentidas,
Minha alma ajoelha, súplice, a rezar:

Abençoai, Senhor, este noivado.
Ponde-lhe um Anjo bom de cada lado.
Cubri de bênçãos o futuro lar.

Braga, 1 de abril de 1962.

**No noivado de Álvaro Severiano da Silva Magalhães e de Rosa Maria Bourbon de Sequeira Braga.*

030 Cláudia Rosa*

Cláudia, minha irmã, diviso o dia
Em que na Igreja, cheia de flores,
Como santa que vai nos seus andores,
Participas em nobre liturgia.

Cláudia, minha irmã, como eu queria,
Numa tela pintada de mil cores,
Desenhar teu futuro de esplendores
Vivido na mais límpida alegria!

Cláudia, minha irmã, desse teu dia,
Que de venturas mil se prenuncia,
Só fica em mim um doloroso cardo:

O de não poder ser a testemunha
-- Como 'amizade entre nós dois impunha --
Do sim que vais dar ao teu Ricardo.

Braga, 8 de junho de 1999.

**Para a Cláudia Rosa Oliveira, a cujo casamento não pude assistir.*

031 A minha prece*

Entrastes, sorridentes, pela igreja
E nem destes por mim, que vos seguia,
E lá fiquei, atento e em vigia,
Qual sentinela em horas de peleja.

Vi-vos cantar hossanas de alegria
E desfiar rosários de esperanças,
Enquanto, fora, lá brincava o dia,
Falavam homens e riam crianças.

Olhastes um prò outro, meigamente,
E vistes almas, corações irmãos.
Destes um sim alegre, sorridente,
E sobre a estola unistes vossas mãos.

E a bênção do Senhor veio, abundante,
Por essa cruz traçada sobre os dois.
O Céu abriu as portas, triunfante,
E Deus, sorrindo, abriu as mãos, depois.

E vi, então, em salutar jornada,
Correr sonhos de amor e de luar.
A vida era um sorrir feito alvorada
Em anos longos como o longo mar.

Vi cardos feitos rosas cor de neve;
Espinhos rudes, brandos como arminho;
Os ódios, feitos pazes de um carinho;
Lágrimas tristes, um sorriso leve.

E pedi ao Senhor, de mãos erguidas,
Que em vós cumprisse a mágica visão.
Que não deixasse, nunca, sobre o chão,
Olhos feitos da altura das subidas.

Rezei baixinho: «Ó Bom Deus do Altar,
Tornai feliz este esperançoso lar.
Mais, muito mais do que desejo a mim».

E Deus, por certo, ouviu o meu pedido,
Que uma voz sussurrou ao meu ouvido:
«Sejam felizes? Meu amor, pois sim».

Braga, 3 de julho de 1962.

**Para uns noivos meus amigos, por ocasião do seu casamento.*

032 A um par de noivos

Fato preto – seriedade.
Véu branco, cor da alegria,
Lá vão. O amor os invade.
Prenúncio de eterno dia.

Vão pedir a proteção
De Deus, que é todo Bondade:
Vão dar-se do coração,
Viver em santa unidade.

Que Deus oiça os seus pedidos,
Os ampare e os proteja.
Os una e mantenha unidos
Como Cristo e a sua Igreja.

2

Santifica, ó Pai dos Céus,
Quem diante de ti vês.
Sejam um, tal qual és Deus,
Embora, em pessoas, três.

Que a estola sacerdotal
Os una e livre do mal.

Que sigam, como convém,
Pelos caminhos do Bem.

3

Dai-lhes, Senhor, a alegria
De uma feliz harmonia.

Qual videira num pomar
Seja esta noiva em seu lar.

A um par de noivos 2

Seja doce como o mel,
Amável como Raquel.

E os filhos, à sua beira,
Quais rebentos de oliveira.

4

Na patena do altar
Colocam o seu destino.
Não deixeis de os guiar
Como a mãe ao seu menino.

A Ti se deram, Senhor,
Não lhes falte o Teu amor.

Sobre toalhas de linho
Tenham pão, paz e carinho.

Tenham, ao redor da mesa,
De filhos são a riqueza.

5

Santo, Santo é o Senhor
Que adoramos no altar.

Bendito seja o amor
Que no-lo quiseras dar.

Qual farol, jorrando luz,
Seja esta noiva, ó Jesus.

Que seu marido a proteja
Como Cristo à sua Igreja.

Que da virtude os são brilhos
Transpareçam nos seus filhos.

Tenham de Deus a Bondade,
De Sara a fidelidade.

Aqueles que agora unistes
Não os deixes andar tristes.

Que não caminhem sozinhos
Pelo escuro dos caminhos.

A sua casa, cobri-a
De bênçãos, paz, alegria.

Cobri-os com Vosso véu
Até que os vejais no Céu.

Braga, 4 de maio de 1962.

033 Num álbum de casamento

Que vos direi neste dia
Em que reina a amizade?
Que tenhais muita alegria,
Paz, Amor, Felicidade.

Pevidém, 10 de setembro de 1988.

034 Ao Casal Bernardo/Cristiana*

Juntinhos no mesmo barco,
Navegam no mar da vida
Os novos Tristão e Zarco,
Rumo à Terra Prometida.

Com a bússola da Fé
E os remos da Coragem
Vão enfrentando a maré
E prosseguindo viagem.

Quando a fúria do vento
Açoita a embarcação,
A Senhora do Alento
Invocam com devoção,

E lá prosseguem, mar fora,
Sem nunca perder de vista
O Bem que os dois enamora
E os lança nesta conquista.

Que Deus os leve a Bom Porto
E, ao longo desta jornada,
Nunca lhes falte o conforto
Deste Grupo que lhes brada:

Em frente, Amigos! Coragem!
Remai certinho, Valentes!
Chegados à Outra Margem
Podeis sorrir de contentes

E tereis a recompensa
Que Deus dá aos navegantes
Que andam na Sua presença
E O servem nos semelhantes.

23 de outubro de 2010.

**Ao Casal Bernardo José Ferreira Reis e Cristiana, nas suas Bodas de Oiro matrimoniais.*

035 Meditação*

Se a vida vos sorri como um jardim em flor;
Se tendes uma casa que lembra o melhor ninho;
Se em vós existe a chama acesa do amor
E dos filhos recebeis carinho e mais carinho;

Se Deus habita em vós como 'stá no sacrário;
Se tendes um trabalho onde reina a alegria;
Se o dia é para vós como um lindo rosário
Em que não falta o *sim* como o disse Maria;

Se não faltam amigos a quererem partilhar
A vossa companhia, a vossa mesa, o lar
Onde o requinte surge em todos os matizes,

Porque não há-de agora a luz do sol brilhar
E os dois, numa só voz, vir à rua a gritar
Que hoje, mais que nunca, vos sentis felizes?!

Braga, 18 de novembro de 1987.

*A um Casal meu amigo.

036 Missa nova e Bodas de Prata*

Dá, Senhor, o teu conselho,
Tua luz e sábio guia
Ao sol que ora se levanta
E ao que vai no meio-dia.

Duas figuras diferentes
De Jesus, postas a par:
Um, a nascer em Belém;
Outro, no monte a pregar.

Duas etapas da vida
A festa de hoje retrata:
Um principia a subida;
O outro, em bodas de prata.

Duas festas numa festa,
Dois sons na mesma canção:
Um, a dizer *introibo*;
Outro, a pregar o sermão.

Dá, Senhor, a Tua luz,
Tua bênção sempre grata,
Ao Padre que hoje começa
E ao que faz Bodas de Prata.

Que fazeis, Anjos de Deus,
Olhando o humano roteiro?
-- Vimos ver o Sol de Julho
Dar a mão ao de Janeiro,

Braga, maio de 1964.

**Para a Missa nova do P. António da Costa Neiva e Bodas de Prata Sacerdotais do P. Manuel Pires Afonso. Escrevi-os a pedido do porteiro do Seminário Menor, Valentim Gonçalves Neiva.*

037 Oração*

Longa ou breve, a vida é Tua.
Farás dela o que quiseres.
Serei sol ou serei lua,
Como o brilho que me deres.

Tentei lavrar o meu chão,
Fazer lavoura bem feita.
Põe-lhe, Senhor, Tua mão
E será boa a colheita.

Eu Te agradeço, Senhor,
O bem desta caminhada.
Sopra em mim novo calor
P'ra prosseguir a jornada.

Pelo bem que derramaste
Nos homens pra quem fui luz,
Este instrumento que usaste
Diz-te: obrigado, Jesus!

Braga, 10 de julho de 1989.

**Para as Bodas de Prata do P. António da Costa Neiva, a pedido deste.*

O38 Padre

Duas coisas transcendentas
A missão do Padre encerra:
Ser outro Cristo na terra,
Dá-LO inteiro às almas crentes.

Julho de 1962.

039 Lar Conde de Agrolongo*

No Lar Conde de Agrolongo
- Um centro de bem-estar -
Todos os dias prolongo
O que havia no meu lar.

Passo ali o dia-a-dia
Da minha Terceira Idade
Semeando alegria,
Vivendo fraternidade.

Ao Lar Conde de Agrolongo
Seja prestada homenagem
Pois é um porto de abrigo
A quem vai só, em viagem.

Ele acolhe quem não tem
Quem lhe faça companhia
E com paz, amor e bem
Faz passar da noite ao dia.

Braga, 20 de Maio de 1990.

**Versos escritos a pedido de António Soares Pereira.*

040 Saudação e despedida*

Vá com Deus, senhor Abade.
Deus te traga, Abade novo.
Que sejas Luz e Verdade
Para bem do nosso Povo.

Do que parte, vai ficar
A doce recordação
De quem se deu a Gondar
E a leva no coração.

O que vem traz a esperança
De nesta comunidade
Manter com maior pujança
O Amor e a Unidade.

Que todos dêmos as mãos
À volta de quem nos guia
E vivamos como irmãos
Na mais cristã harmonia.

Saibamos seguir os passos
De quem vai e de quem vem
E consagremos os braços
À sementeira do Bem.

Que Gondar cresça e progrida
A bem do homem total.
Sejamos uma gente unida
A favor do bem geral.

Venho dizer *obrigado*
A quem conosco morou.
Quero dizer *apoiado*
Ao que hoje nos chegou.

Gondar, 30 de setembro de 1990.

**Na partida do P. Justino Correia, que deixou de ser pároco de Gondar, e na chegada do novo responsável por aquela Comunidade, P. João Luís dos Santos Matos.*

041 Sede bem-vindo

Há na formosa língua portuguesa
Palavras dum encanto e tal magia
Que das tristezas fazem alegria
E as agruras semeiam de beleza.

Corri o dicionário dos poetas
-- Alma em Abril, num breve adejo de asa –
A procurar juntar algumas letras
Para saudar a vinda a nossa casa.

Quis traduzir este meu gozo infindo
Em palavras tão nobres como os céus,
Mas nada mais achei que «sê bem-vindo!»
Ou o cristão saudar: «vinde com Deus!»

Sede bem-vindo, pois, à casa amiga
Onde sois como irmão ou pai à mesa.
Vinde com Deus, vos grito à usança antiga
Da saudação cristã e portuguesa!

Gondar, 31 de Julho de 1963.

042 Pastor dos pastores

Desapareceu do mundo o Bom Senhor,
Mas não ficara só a sua Igreja
Como órfã sem pai que a proteja,
Como ovelha, sozinha, sem Pastor.

Deixou no mundo um outro mestre e pai
Que a todos os momentos nos ensina
A mais augusta e salutar doutrina
E que do mal nos afastando vai.

Deixou um Bom Pastor que nos governa,
Que nos transporta à felicidade eterna,
Nos alivia nas maiores dores.

Esse Pai e Pastor em tudo afável
É a pessoa sempre venerável
Do Santo Padre, o Pastor dos Pastores.

Braga, 28 de junho de 1961.

043 A voz do Papa

Olhos feitos de paz e de bondade,
Lábios puros de sábio em plenitude,
Ei-lo que vem pregar à Humanidade
Os sagrados caminhos da virtude.

A voz suave, encantadora e branda,
O gesto amável que em sua voz vai,
Recordam-me a figura veneranda
Do mais bondoso e amoroso pai.

Prega a doutrina inovadora e santa
Que um dia eletrizou toda a Judeia,
Obrigando a suster-se na garganta
A chama vil do ódio que se ateia.

«Amai-vos uns aos outros. Sede irmãos
De todos como são as avezinhas.
Alegres, uns aos outros dai as mãos.
Olhai a todos como a criancinhas.

Nos outros vede sempre a retidão,
A lealdade em forma e em pessoa.
Reprimi dentro em vosso coração
Palavra ou sentimento que magoa.

Prestáveis como a água dos regatos,
Fazei o bem a todos, indiferentes
Sem saber se, no fim, hão-de vir, gratos,
A trazer-vos riquíssimos presentes.

Olhai a luz diáfana dos astros
Que se difunde a todos por igual;
Que vem, humilde, lançar-se de rastros
Aos pés dos homens que lhes querem mal.

Amai os outros como desejais
Que vos amem a vós, quando, alta noite,
Fordes por ermos, ínvios matagais,
A mendigar um lar que vos acoite.

Não seja espaventosa a tua esmola.
Se deres tudo quanto tens de teu
Não vás à praça a mostrar a sacola
Vazia do que tinha, e que se deu.

Vê no próximo Deus pedindo abrigo.
Vê nos órfãos a Deus pedindo pão.
Vê Cristo na figura do mendigo
Com quem repartes sempre o teu quinhão.

Se assim amares, talvez que, no mundo,
Não tenhas nome escrito nos jornais.
Passarás no 'squecimento mais profundo,
Desconhecido como muitos mais.

Mas lá no Céu de imensa claridade
Onde tudo se aponta, todo o bem,
Hás-de ver paga a tua caridade
Com juro que ultrapassa em muito os cem.

Como seria o mundo bem diferente
Se fôssemos irmãos de toda a gente!»

O Papa assim falou. Na vasta sala
- O mundo todo que, ansioso, o escuta -
Um as vozes comentam - Que bem fala!
E vão-se à vida, a prosseguir na luta.

Passam mendigos, passam orfandades,
E não se compadece um coração.
Prosseguem maldições e crueldades.
Aos outros ninguém chama seu irmão.

A semente caiu. Talvez um dia
O sol radioso da divina graça
Faça nascer nos campos a alegria,
E todos bebam pela mesma taça.

Braga, 30 de dezembro de 1960.

044 Vicente de Paulo

Em cada estranho soube ver um irmão,
E em cada peito, um coração amigo.
Não houve nunca humana solidão
A que não desse Cristo, o Amor, o Trigo.

Soube viver em santa comunhão
Com o descrente, o trãnsfuga, o mendigo,
Fazendo ressurgir um coração
Onde o rancor havia feito abrigo.

Fez da vida um poema de candura,
Reconhecendo em toda a criatura
O germe da mais sã fraternidade.

Hoje vive com Deus, onde o levou
A estrada que no mundo utilizou
Mas poucos sabem ver: -- a Caridade

Gondar, 22 de agosto de 1965.

045 Beatriz Faria*

Tem andado em grande lida
Esta Mestra de quem falo.
Ensina a viver a Vida
E a estudar com regalo.

Com respostas sempre prontas
E uma linguagem fluente,
Além de letras e contas
Ensina a estimar a Gente.

Dois pensamentos consomem
Seu ideal puro e são:
Fazer do homem mais Homem
E do cristão mais Cristão.

Continue, Beatriz,
Nessa escola só de amor,
Mostrando que se é Feliz
No Sofrimento e na Dor.

Braga, 24 de maio de 1989.

**Para uma festa realizada em Gondar à Professora Beatriz Faria, que veio a falecer, vítima da doença dos pezinhos.*

046 Retrato*

Pequeno e entroncado de estatura,
Bigodinho cinéfilo, à pedante,
Olhos vivos de tipo bem pensante,
Simpático e alegre na figura;

Cabeleira revolta, em grande altura,
Palrador incansável, incessante,
Curandeiro de febres, um tratante
Em curar diarreias com soltura;

Um rival de Averrois ou de Galeno,
Curando tudo com seu ar sereno,
Desde a bronquite aguda aos reles calos;

Quem há que não veja nestes meus versos
Os sinais bem distintos e diversos
Desse enfermeiro que se chama Carlos?

Braga, 28 de outubro de 1960.

** Para o Carlos Monteiro, que trabalhou como enfermeiro no Seminário de Nossa Senhora da Conceição.*

047 Partiu*

Fez-se noite em meu dia e não consigo
Dar liberdade ao canto que em mim mora.
A alegria que vi crescer comigo
Deixou-me sem aviso e foi-se embora.

Na tristeza do dia não lobrigo
Senão a vida roxa de quem chora.
Perdi a doce paz de um bom amigo.
O sol morreu mal despontou a aurora.

Eu sei que a vida é uma sementeira
E que ele, tendo Deus à sua beira,
Repousa do trabalho e do cansaço,

Mas custa-me viver a despedida
De ter partido assim, tão de fugida,
Sem me levar e sem o meu abraço.

Braga, 2 de julho de 1972.

** À memória do meu companheiro de infância Dr. Miguel José Bourbon de Sequeira Braga, que tão prematuramente foi para a Casa do Pai.*

048 Dr. Adão*

Morreu o vosso Pai? Não morre quem
Passou a vida entregue ao seu Senhor;
Quem soube semear a Paz e o Bem
E entre os homens só falou do Amor.

Morreu o vosso Pai? Não morre quem
Soube sorrir na vida ao luto e à dor
E vos fez descobrir que a Paz do Além
Se ganha amando aqui seja quem for.

Não morre nunca quem deixou no mundo
Um chão tão amoroso e tão fecundo
Como a Família que a todas vós deu.

O vosso Pai, leve como andorinha,
Foi viver com o bem que junto tinha
Nessa mansão ditosa que é o Céu.

Braga, 12 de janeiro de 1990.

** Às Religiosas da Congregação da Divina Providência e da Sagrada Família, por ocasião da morte do fundador, Cônego Doutor Adão Salgado Vaz de Faria.*

049 É difícil não chorar*

É difícil não chorar
Perante a morte de alguém,
Mas ter fé é encarar
A morte como um bem;

É ver na morte o começo
Duma vida sem idade,
O caminho sem regresso
Que leva à Felicidade.

Quem morreu não acabou:
Adormeceu no Senhor.
É qual ave que voou
E achou ninho melhor.

Deixai, pois, que a Guilhermina
Viva com Deus. Afinal,
A vida que não termina
É que não conhece o mal.

E saiba viver a gente
De forma a poder gritar
Um convicto *presente!*
Quando Deus vier chamar.

Braga, 31 de janeiro de 1992.

** Para as Religiosas da Congregação da Divina Providência e da Sagrada Família.*

050 No Dia do Doente*

Neste Dia do Doente
Aqui me tem a saudar
Esta Teresinha crente
Que põe a dor no altar.

Braga, 11 de fevereiro de 1994.

**Para a Irmã Teresa, da Congregação da Divina Providência e Sagrada Família, que servia no Seminário Conciliar.*

051 Na morte de Correia de Oliveira

Eras homem, Poeta, e, sendo assim,
Tiveste de deixar toda esta terra,
Onde, sempre e desde sempre, deste guerra
Às ervas e detritos do jardim.

Também agora uma fria urna encerra
O teu corpo, mas não é isto o fim.
Hão de soar teus versos, qual clarim,
Enquanto houver no mundo vale ou serra.

Voou tua alma, qual pombinha mansa,
Para gozar da Bem-Aventura
Que cantaste em estrofes de cristal.

Não deixes de compor os versos teus.
Diz-nos agora como são os Céus,
Pois continua a ouvir-te Portugal.

Braga, 11 de março de 1960.

052 Canção para Rosalia*

Teus poemas, Rosalia,
Cheiram a terra lavrada,
Terra com sangue regada
Entre cantos de alegria.

Teus poemas, Rosalia,
Trazem um hino de esperança.
São gritos de confiança
Na vinda dum novo dia.

Teus poemas, Rosalia,
São convite à unidade,
Ao amor, à irmandade,
De que sentes nostalgia.

Em teu louvor, Rosalia,
Vamos todos dar as mãos
E viver, mas como irmãos,
A força de um novo dia.

Braga, 17 de abril de 1972.

**À poetisa galega Rosalia de Castro.*

053 Cantigas à minha terra

Musa, não sejas avara.
Vem ajudar-me a cantar
Aquela terra mui cara,
Aquela linda Gondar.

Olha a lua redondinha,
Olha a lua a passear.
Parece que até sorri
Voltada para Gondar.

Como é lindo o pôr do sol,
Como é lindo o sol fugir.
Uma beleza semelhante
Só Gondar a faz sentir.

Que Gondar é bem bonito,
Basta olhar de lés a lés.
Até o Ave, vaidoso,
Se vem a beijar-lhe os pés.

Viveu Cristo em Nazaré,
Em terras da Galileia.
Se fosse hoje, não duvido:
Gondar era a sua aldeia.

Gondar não é bem bonita?
Venham dizer-me que não.
Basta só que ela tenha
Por patrono S. João.

Gondar, 2 de julho de 1954.

054 Barcelos*

Barcelos da minha infância
Onde corri e saltei,
Anda mirar-te, à distância,
Nos versos que te rimei.

Teu ar de moça lavada,
Tua cara sempre nova,
É sorrir de madrugada
E som da mais linda trova.

Teu rio, da cor da prata,
Onde cantam lavadeiras,
É um espelho que retrata
Tuas glórias verdadeiras.

Correram montes e vales
-- E, por isso, hei-de cantá-los --
Os teus trabalhos de barro,
A imponência dos teus galos.

A História – louca de gozo –
Fala em tua valentia
Com D. António Barroso
E o Alcaide de Faria.

Longe de ti te recordo
Qual embarcado no mar.
Hoje, canto a tua graça;
Amanhã, vou-te abraçar.

Braga, 20 de março de 1965.

* Versos feitos a pedido do falecido Alberto da Silva Campinho.

055 Viana do Castelo

Perguntou-me Deus um dia
Onde gostava de estar.
-- Em Viana, linda terra,
Ouvindo o Lima a cantar.

Santa Luzia me acuda
E livre desta maçada:
Vi Viana e... fiquei cego!
Não consigo ver mais nada!

Se os rios gostam de amar
À bela maneira humana,
O Lima escolheu o olhar
Da grácil noiva: Viana.

Viana do Castelo, 21 de julho de 1963.

056 Monção*

Monção, fitando a Galiza,
É jovem posto à sacada
No prazer de quem divisa
Sua bela namorada.

Monção, 24 de julho de 1963.

**Versos inspirados numa célebre estrofe de João Verde.*

057 Seminarista*

Sou um pequenino vestido de escuro
Que passa nas ruas da nossa cidade.
Caminho sereno. Não temo o futuro,
Pois encontrei já a felicidade.

Sou seminarista. Bailam no meu peito
Ideias maiores que o fundo do mar.
Sei bem que escolhi o caminho estreito,
Mas nele, e só nele, hei-de caminhar.

Que vantagem há pisar as estradas
Que os outros – não nós – tornaram suaves?
Eu hei-de abrir rotas, com minhas pegadas,
Como abrem, no espaço, caminho as aves.

Eu sou um navio de frágeis madeiras
Que sulca, sorrindo, as águas do mar.
Não fujo à luta. Subir as ladeiras
Dá grande alegria e gozo sem par.

Não quero gozar a honra, o prazer,
Que os outros juntaram para me deixar.
A minha pessoa a hei-de fazer
À custa de esforço e muito lidar.

Das rosas, um dia, hei-de ser c'roado,
Que vejo ao longo destes meus caminhos.
Mas antes, não temo receber o fardo
Da sponja de fel, da c'roa de espinhos.

Julgarão, talvez, que vivo apagado
Dentro das paredes do meu Seminário.
Crepita, em minha alma, o fogo sagrado
Da lâmpada de azeite que tem o sacrário.

O meu fato preto, esta roupa escura,
É o habito humilde que trago por fora.
Ai se fosse dado verdes a brancura
Da alma singela que lá dentro mora!

Não há um desgosto a que não resista.
Encaro a vida com todo o agrado.
Que há-de temer um seminarista
Que a Virgem Maria tem sempre a seu lado?

Temor de derrotas? Receio de fracassos?
Nunca turvou isso estes sonhos meus.
Jamais teme as ondas quem anda nos braços
Que já ampararam o Menino-Deus.

A Virgem me leva em seu colo materno,
Quentinho regaço que aqueceu Jesus.
Com Ela não temo o frio do Inverno,
Com ela nem sinto o peso da cruz.

Braga, 2 de dezembro de 1959.

**Versos escritos para os meus alunos do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, onde fui prefeito e professor entre 1959 e 1965.*

058 Domus Mater*

Mendigo de Ideal e de Beleza
vim, um dia, bater à tua porta,
e tu me recebeste c'oa nobreza,
o carinho,
o amor e a ternura
da amável criatura
que é a Mãe!

Vieste a mim num longo, fundo abraço
e abriste o regaço
ao vaguear incerto dos meus sonhos!

Em ti chorei, em tardes de ansiedade,
lágrimas quentes de pueril saudade!

Em ti ajoelhei, de mãos erguidas,
em preces bem sentidas,
a implorar a força das vitórias!

Em ti passei, nervoso, horas e horas,
agarrado a cadernos e sebatas,
num fatigante, intérmino labor!

No corredor despido de vaidades,
em horas de pensar nas sãs Verdades,
ouvi a voz alegre do Senhor
que chama a sempre mais, sempre melhor!

E fui seguindo, alegre, o meu caminho,
à sombra do carinho
dos teus muros!

E foi crescendo em mim a ânsia, a ânsia, a ânsia
de conquistar os longes da Distância
que apontava aos olhos do meu ser!

E fiz-me homem, assim. E fiz-me alguém.
E fiz-me a voz – voz rouca e pobrezinha,
mas voz que tu me deste e que eu não tinha –
e fiz-me a voz, a voz que hoje aqui vem
a cantar teus louvores, minha Mãe!

Como não te hei de bendizer,
cantar
e até beijar
essa face que o tempo enegreceu,
se dela veio o quanto hoje é meu?!

Seminário Menor, 23 de abril de 1964.

**Os Seminários da Arquidiocese de Braga que frequentei entre
1947 e 1959.*

059 Vai, Caminheiro!*

Ó Caminheiros de alma enamorada
Dum ideal de mística aventura,
Ouvi o grito que, de longe, brada
O Grande Chefe que convida à Altura.

Avante, Amigos! Todos sorridentes!
Ninguém impedirá nosso roteiro.
Temos por norte a Fé das almas crentes,
Temos por Guia a Virgem do Sameiro!

Estradas há eriçadas de espinhos.
Duras montanhas é mister transpor.
Mas não temais porque, nesses caminhos,
Dentre os espinhos brota a cruz do amor.

Soa o dever em notas de cristal.
Reluz a meta, ao longe, lá no fundo.
Vai, Caminheiro, é o teu ideal
Que te convida a conquistar o mundo.

Braga, 3 de junho de 1958.

** Versos escritos para os Caminheiros do Clã 8, do Seminário Conciliar de Braga, de que fiz parte.*

060 Ser Escuteiro*

Se souberes amar pacientemente
Quem te odiar com um mortal rancor,
E responderes sempre com amor
Às injúrias do mais irreverente;

Se, na luta que te der a maior glória,
Te portares como nobre cavaleiro,
E, no fim, acorreres, prazenteiro,
A oferecer a Deus essa vitória;

Se souberes rezar com piedade
Ao Deus que te criou viril e forte,
E cumprires o dever até à morte
Porque essa é a voz da Divindade;

Se aos amigos deres o paraíso
Duma leal e sã camaradagem,
E souberes destruir da dor a aragem
Com a ternura meiga dum sorriso;

Se souberes ajudar o mendicante
E, braço dado à dor e humildade,
Encontrares um lar feito bondade
Para o cansado e velho caminhante;

Se te apressares a guiar, primeiro,
O pobre cego que vagueia errante,
E, só depois, seguires, caminho adiante,
Amigo, serás, de facto, um Escuteiro!

Braga, 8 de dezembro de 1957.

* Versos inspirados no *If*, de Rudyard Kipling

061 Despedida

*Aos meus colaboradores de «A Página»**

De vós me aparto, lídimos poetas,
Articulistas de gênio e de talento
Que desbravais do erro as florestas
Colocando a Verdade em seu assento.

De vós me aparto, irmãos de ideal
Que, no caminho da honra e da virtude,
Procurais destruir o império do mal
Resistindo a todo o choque, por mais rude.

De vós me aparto. É forçoso que vá
A abraçar minha nobre aspiração,
Mas não me esqueço dos que ficam cá
Aguardando a mesma ocasião.

Quando o meu sonho for realidade
E vir que, no Altar, sacrifiquei,
Implorarei igual felicidade
Para os que lutam como eu lutei.

Gondar, 2 de julho de 1959.

**«A Página» era uma secção que, por iniciativa de Mons. António Araújo Costa, os seminaristas do arciprestado de Guimarães mantinham no semanário «O Conquistador» (depois, «Colina Sagrada»).*

Foi seu primeiro director o falecido Eduardo Lobo Pinto de Carvalho, a quem sucedeu Hilário Oliveira da Silva (com o anagrama Avlis). Fui o terceiro responsável e nela comecei a escrever com o anagrama Siara. Sucedeu-me o Armando Luís de Freitas (Alfrei).

062 Oração da mãe

De manhã, muito cedinho,
Quando vou pelo caminho
Para a escola abençoada,
Minha mãe vem junto à porta
E fica-se ali, absorta,
Enquanto me vê na estrada.

Chegado à curva, lá adiante,
Olho p'ra trás, num instante,
E digo-lhe o meu adeus.
Ela volta para casa
E eu sigo, de olhos em brasa,
Em busca dos sonhos meus.

Em que pensa minha mãe
Quando sempre e sempre vem
Despedir-se do filhinho
Que de frente alegre, erguida,
Vai começando, da vida,
A palmilhar o caminho?

Adivinho-o. Com certeza
Minha mãe tem a alma presa
Ao que hei-de ser mais tarde.
Pede a Deus, nesses momentos,
Que construa os fundamentos
Da minha felicidade.

É por mim, por mim, que reza
Quando se fica, surpresa,
Ao ver-me assim caminhar.
Continua, mãe, as preces,
E que eu seja o que mereces:
Uma bênção no teu lar.

Braga, 8 de Junho de 1960.

063 Prece

Que o Teu Reino, Senhor, sobre nós desça
Como desceste, um dia, sobre a terra.
Que o mundo inteiro ajoelhe e reconheça
Que a paz é bem melhor que a dura guerra.

Que o Homem seja amigo do outro Homem!
Que o semelhante seja um nosso Irmão!
-- Como é triste, Senhor, ver quantos dormem
Sem ter comido um pouco do Teu pão!

Que a doutrina do Amor, que nos pregaste,
Se torne a lei suprema das nações!
Desce até nós, ó Rei que nos criaste,
E que a Ti subam nossos corações.

Braga, 24 de outubro de 1961.